

Tratamentos experimentais têm resultados promissores

No maior congresso mundial sobre câncer, o encontro da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (Asco), realizado nesta semana, em Chicago (EUA), cientistas apresentaram dois novos tratamentos promissores para o câncer de pele melanoma avançado. Apesar da baixa incidência — no Brasil, representa apenas 4% das neoplasias malignas desse órgão —, a doença é bastante agressiva e, até agora, só existe

um medicamento no mercado para combatê-la. Os efeitos dos novos fármacos, ainda em fase experimental, foram comparados à quimioterapia tradicional e alcançaram resultados mais favoráveis.

Combinadas, as substâncias trametinib e dabrafenib neutralizam a proteína MEK, responsável por fazer o tumor crescer, e inibem a ação do gene mutante BRAF, que está presente na metade dos

casos de câncer de pele melanoma. É por causa dessa variante que as células começam a crescer de maneira desordenada e a se espalhar pelo organismo. “Esse é o primeiro tratamento de uma nova classe de medicamentos que pode beneficiar os pacientes que sofrem um melanoma com uma mutação do gene BRAF”, disse a médica Carolina Robert, que dirige o serviço de Dermatologia do Instituto Gustave Roussy



Redução do risco de progressão do melanoma avançado em pacientes que participaram dos testes com as substâncias trametinib e dabrafenib

de Paris, principal autora do estudo, no qual as duas substâncias foram avaliadas. “Os resultados desse estudo clínico demonstrou que atacar a proteína MEK é uma estratégia viável para tratar muitas pessoas com melanoma”, assegurou.

O estudo foi realizado com 322 pacientes, 214 dos quais tomaram as novas substâncias, enquanto os demais foram tratados com a quimioterapia habitual. Em média, os voluntários submetidos aos fármacos experimentais tiveram um período de remissão de 4,8 meses, comparando-se a 1,5 mês alcançados por quem fez o tratamento tradicional. A redução do risco de progressão da doença foi de 55%.

Em uma sessão do congresso que avaliou as novas opções terapêuticas para pacientes de melanoma avançado, o presidente da mesa, o oncologista Michael B. Atkins, disse que os progressos são muito animadores. Ao mesmo tempo, porém, pediu cautela por parte dos colegas em relação à aplicação prática dos resultados obtidos em estudos clínicos. “Enquanto já sabemos que não há como tratar o melanoma com abordagens que não as moleculares, ao mesmo tempo precisamos conhecer melhor qual o perfil do paciente que poderá se beneficiar dos novos tratamentos e se os efeitos tóxicos são bem tolerados”, alertou.